

‘Um Encontro em Amsterdã’, o romance inaugural de Mauri Ricciotti

por: Rubenio Marcelo

Com alegria, recebi [do amigo Mauri Valentim Ricciotti] o livro “*Um Encontro em Amsterdã*”, contendo 72 capítulos em 340 páginas, romance autoral recentemente editado pela *Scortecci*. E, em virtude de atividades atuais e outros estudos pré-agendados, confesso que não era minha intenção, *a priori*, lê-lo de imediato. Entanto – movido por aquele natural impulso que nos enleia sempre quando temos acesso a um inédito material bibliográfico –, resolvi ‘correr a vista’ pelas suas primeiras páginas e, assim (arreatado pelo magnetismo próprio das leituras aprazíveis), fui deveras compelido a saborear – no mesmo dia – todo o consistente volume da obra, que prende, certamente, até o mais distraído leitor, com a dinâmica relação causal dos acontecimentos e a envolvente concatenação da narrativa.

Como epígrafe prefacial deste seu livro, timbra Mauri Ricciotti: “*Escrever um romance é tarefa para mentes inquietas*”. Sim... Ao estreiar na nossa literatura com “*Um Encontro em Amsterdã*”, o autor prova que além de possuir mente sintonizada com os lídimos ditames do Direito e da Justiça (foi Advogado, Defensor Público, e é atuante Procurador de Justiça - Ministério Público/MS), também é possuidor de intelecto atarefado com o imaginário e os desígnios da arte da palavra escrita. Residente em Campo Grande, palestrante e articulista, Mauri escreve (em jornais) sobre política e gestão pública. Foi também Professor de Direito, e foi nesta condição que o conheci, há cerca de vinte anos, e estabelecemos amizade.

Como bem disse Anatole France: “*uma coisa sobretudo dá atração ao pensamento dos homens: a inquietação*”. E é esta fecunda e lúcida *inquietação* – aliada, claro, à inata vocação literária – que anima o coração e a mente de Mauri Ricciotti nesta sublime missão de escrever e lançar agora esta bela obra ficcional, que tem como principais personagens: Robert Moretti (divorciado, de meia idade, bem-apegoado, alto executivo do setor financeiro: seu mundo particular é ‘prospectar negócios pelo mundo afora’), Giovanna Montesi (belíssima jovem milanesa, ex-modelo, diretora de *marketing* de uma multinacional italiana, noiva de Pietro Agnello), Pietro Agnello (criado em Milão, é audaz e bem-sucedido armador, envolto em negócios escusos), e Rachel Luzac (mulher elegante, divorciada, irascível e vingativa, namorada – ‘amiga colorida’ – de Robert Moretti, de quem é ex-colega de faculdade).

Na contracapa, o livro traz uma instigante sinopse, que – pela fidelidade da narrativa – julgo oportuno reproduzir nesta ocasião: ‘Um fortuito encontro no Aeroporto Schiphol, em Amsterdã, fará Robert repensar sua vida e decidir encontrar Giovanna, mulher inesquecível que ele pôde contemplar por alguns minutos enquanto se dirigia ao *check-in*. Essa investida, porém, não passará despercebida por Pietro e Rachel, despertando neles a ira e o ciúme. Acompanhando o desenrolar dessas interações, o leitor conhecerá a rixa das famílias mafiosas Sardelli e Romagnoli, deslizos e acobertamentos de condutas numa paróquia no interior da Itália, a clausura de uma jovem mãe privada de seu filho, bem como tragédias e rancores’.

Ao encontro dos valores estéticos literários, “*Um Encontro em Amsterdã*” propicia aos seus leitores um encontro com a emoção e também nos mostra lições fecundas de humanização. O amor e, conseqüentemente, a felicidade, quando repartidos com desvelo e virtude, são sentimentos que se aprimoram e são pilares de um lúcido re/começo (o ‘resgate dos valores essenciais do ser’). Os protagonistas Robert e Giovanna, no desfecho do enredo, provam isto. Vale a pena conferir!

CG/MS, 2016